

A resposta do clima na pele

O estudo — apresentado na Áustria em congresso no Congresso da Academia Europeia de Dermatologia e Venereologia, com dados de 136 países da OMS — mostra que o problema afeta quadros como brotoejas e infecções, castigando mais as nações de menor renda



Freepik

» RAFAELA LEITE

As mudanças climáticas já estão associadas a alterações na frequência e na gravidade de doenças de pele em diferentes partes do mundo, segundo estudo internacional realizado pelo Observatório Global de Acesso à Saúde da Pele (SkinObservatory). Entre os efeitos relatados estão o aumento de brotoejas, doenças inflamatórias e infecções cutâneas, com impactos mais frequentes em países de menor renda. Apresentados durante o Congresso 2026 da Academia Europeia de Dermatologia e Venereologia (EADV), em Viena, na Áustria, os resultados foram obtidos a partir de respostas de representantes de 136 dos 194 países membros da Organização Mundial da Saúde (OMS). A análise considerou nações dos quatro grupos de renda estabelecidos pelo Banco Mundial.

Ao todo, 42,6% dos países participantes relataram mudanças na prevalência e/ou na gravidade de doenças de pele relacionadas às mudanças climáticas. A frequência dos impactos variou de acordo com o nível de renda das nações analisadas. Segundo a pesquisa, enquanto 55,6% das nações de baixa renda relataram alterações em doenças de pele associadas ao clima, o percentual foi de 28,3% entre os países de alta renda. Entre os 58 países que identificaram impactos, 81% relataram aumento de erupções cutâneas. Alterações em doenças inflamatórias foram registradas em 75,9% deles, enquanto 62,1% apontaram mudanças em doenças infecciosas.

Diferentes formas

As mudanças no clima podem afetar a pele de diferentes formas. Ondas de calor, maior exposição aos raios ultravioleta, poluição e alterações na umidade do ar podem comprometer a barreira de proteção cutânea, responsável por ajudar a manter a hidratação e proteger o organismo. Segundo a dermatologista Isabella Doche, da Sociedade Brasileira de Dermatologia, Regional São Paulo (SBD-RESP), essas condições podem aumentar a perda de água pela pele, provocando ressecamento e favorecendo processos inflamatórios.

Temperaturas mais elevadas também podem modificar a produção de suor e oleosidade e interferir no equilíbrio do microbioma da pele. Já as alterações na temperatura e no regime de chuvas podem modificar os ambientes onde vivem mosquitos e carrapatos, permitindo que esses vetores ocupem novas áreas e ampliando a exposição a determinadas doenças.

Doche explica que algumas doenças podem ser mais sensíveis ao aumento da temperatura e da transpiração, como dermatite atópica, rosácea, acne, dermatite seborréica, micoses e algumas formas de urticária. “A miliária, popularmente conhecida como brotoeira, também é muito comum em períodos de calor intenso, especialmente em bebês. Doenças desencadeadas ou agravadas pela exposição solar, como melasma e algumas dermatoses fotossensíveis, também podem se tornar mais difíceis de controlar.”

Além disso, a dermatologista afirma que o calor e a umidade aumentam inflamações e irritações. “O calor aumenta a produção

Duas perguntas para

EDUARDO H.K. OLIVEIRA, DERMATOLOGISTA E CIRURGIÃO MICROGRÁFICO DE MOHS

Por que as mudanças climáticas impactam a saúde da pele?

A pele é o primeiro órgão a sentir alterações no ambiente. Calor e umidade aumentam o suor e favorecem brotoejas, assaduras, micoses e irritações, além de agravar doenças como dermatite atópica e rosácea. Já a seca intensa pode ressecar e fragilizar a barreira cutânea, provocando eczemas e coceira. Poluição e fumaça de queimadas também aumentam a inflamação e podem agravar dermatites e favorecer manchas. Mudanças de temperatura e chuva ainda podem ampliar a circulação de vetores, enquanto o calor pode aumentar a exposição à radiação ultravioleta. Enchentes e outros eventos extremos também favorecem infecções e podem dificultar o acesso a consultas e medicamentos.

Existem estudos brasileiros

de suor que pode ser muito irritativo. Em pessoas predispostas, isso pode desencadear coceira, ardência e vermelhidão. A combinação de suor, umidade, atrito da roupa e abafamento da pele também favorece irritações nas regiões de dobra, como axilas, virilhas e abaixo das mamas.” De acordo com ela, a umidade persistente pode ainda facilitar a proliferação de fungos e bactérias. No entanto, ambientes muito quentes

parecidos com o apresentado no congresso?

Ainda não há no Brasil um estudo nacional com o mesmo desenho, avaliando o impacto das mudanças climáticas sobre o conjunto das doenças de pele. Mas pesquisas já mostram efeitos específicos. Durante as enchentes de 2024 no Rio Grande do Sul, dermatologistas avaliaram 371 pessoas e identificaram 423 diagnósticos; 49,2% eram de doenças infecciosas. Outro estudo, da UFLA, analisou 9.121 notificações de dermatoses ocupacionais entre 2006 e 2024 e apontou maior ocorrência entre trabalhadores expostos ao calor e a atividades ao ar livre. Também há pesquisas sobre a influência do clima na distribuição de vetores, como o barbeiro, e na proliferação da leishmaniose. O país, porém, ainda precisa de uma vigilância sistemática desses impactos. (RL)

preferencialmente com FPS 30 ou superior, deve ser associado a medidas físicas de proteção, como roupas, chapéus, óculos e busca por sombra nos horários de maior radiação. É importante manter a pele hidratada com produtos adequados, evitar banhos muito quentes e prolongados, uso de buchas e sabonetes abrasivos, além de evitar permanecer com roupas úmidas. Nas áreas de dobra, usar talco após o banho e manter a pele seca ajudam a prevenir irritações e infecções fúngicas.

Para a dermatologista e cirurgiã Bhetha Tamura, uma higiene adequada é fundamental para proteger a pele diante das mudanças climáticas, mas deve ser feita com parcimônia. Segundo ela, pessoas que possuem doenças dermatológicas, por exemplo, devem evitar o excesso de banhos, pois isso pode reduzir ainda mais a hidratação natural da pele. “Quem pratica atividades que exigem esforço físico ou utiliza roupas especiais para o trabalho também precisa ter cuidados redobrados. O uso de roupas leves, que absorvam o suor ou permitam sua rápida eliminação, é mais recomendado para ajudar a manter a pele seca e protegida.”

Os pesquisadores apontam que o cenário reforça a necessidade de ampliar o monitoramento das doenças de pele e preparar os sistemas de saúde para os efeitos das mudanças climáticas. A recomendação inclui melhorar a capacitação de profissionais e desenvolver estratégias de prevenção de acordo com as condições climáticas de cada região.

Estagiária sob a supervisão de Marcelo Abreu

» Tubo de ensaio | Fatos científicos da semana

SEGUNDA-FEIRA, 28 INSÔNIA E O RISCO DE AVC

Uma revisão internacional de estudos científicos destaca que a insônia não está associada apenas à má qualidade do sono e à redução do desempenho diurno. O distúrbio também pode ser um indicador de riscos aumentados à saúde. Realizado pela Academia Europeia de Neurologia, em colaboração com a MedUni Vienna, o trabalho demonstra uma ligação com acidente vascular cerebral (AVC), internações hospitalares e diversas condições neurológicas e de saúde mental. As conclusões foram publicadas na revista de alto impacto *Sleep Medicine Reviews*. “O sono deve fazer parte da discussão sobre saúde cerebral em todas as fases da vida. Devemos aumentar a conscientização sobre a insônia e seu tratamento e garantir que o sono também seja levado em consideração nos programas de promoção da saúde em comunidades, escolas e locais de trabalho”, afirma o coautor Stefan Seidel, da MedUni Vienna.



João Menezes/Divulgação

TERÇA-FEIRA, 29 AVES ENSURDECEDORAS

Biólogos da da Universidade de Massachusetts Amherst (UMass Amherst), nos Estados Unidos, podem ter descoberto duas das aves mais barulhentas do mundo: o araponga-de-garganta-nua (**foto**) e a seriema-de-pernas-vermelhas. Jeff Podos e João CT Menezes, seu ex-aluno de pós-graduação, investigaram o volume vocal de 123 pássaros. Em 2019, Podos descobriu que o pássaro-sino-branco da Amazônia tinha o canto de pássaro mais alto do mundo — maior do que o de uma motosserra em funcionamento. A avaliação, posteriormente, foi confirmada pelo *Guinness World Records*. O novo estudo, publicado na revista *Evolution*, é o mais recente na longa busca dos autores para compreender o papel da biologia evolutiva na comunicação entre as aves. “É preciso ir a campo”, diz Podos, que acompanhou Menezes na medição da amplitude das aves nas áreas ao redor de Amherst, Massachusetts, e em todo o Brasil.

QUARTA-FEIRA, 30 CRÍTICA DA IA VENCE NOBEL ALTERNATIVO

A pesquisadora em inteligência artificial Timnit Gebru, ex-funcionária do Google que defende uma tecnologia mais ética, venceu o prêmio Right Livelihood, conhecido como o Nobel alternativo. O júri a agradeceu “por questionar a concentração de poder” e “abrir caminho para tecnologias digitais baseadas na justiça”. Em 2017, Gebru fundou a “Black in AI”, uma ONG que se concentra em aumentar a presença e a visibilidade de pessoas negras nessa tecnologia. Três anos depois, ela foi uma das autoras de um artigo de pesquisa sobre os riscos de tendências racistas e sexistas nos modelos de linguagem. Na época, ela integrava a direção da equipe de ética do Google. A empresa americana pediu que ela se retratasse dos resultados da pesquisa, o que ela se recusou a fazer, provocando sua demissão, segundo o júri.

QUINTA-FEIRA, 1º GELEIRAS SUÍÇAS VULNERÁVEIS

As geleiras da Suíça, afetadas de forma desproporcional pelas mudanças climáticas, perderam quase 20% de sua massa em cinco anos, informou a rede Glacier Monitoring in Switzerland (Glamos) em um estudo publicado após um verão (hemisfério norte) de registro de calor, precedido por um inverno com poucas nevascas. Os cientistas destacaram que em 2026 foi registrado o segundo maior derretimento da história — até agora, 5,5% de seu volume, “Um ano catastrófico”, classificou o diretor da Glamos, Matthias Huss. Em uma visita à geleira Scex Rouge, a quase 3 mil metros de altitude, ele contemplou a paisagem com desespero. “Essa é uma geleira que não está sobrevivendo”, disse. “Provavelmente, não haverá gelo dentro de 10 ou talvez 15 anos”, lamentou. O relatório da Glamos mostrou que, entre 2022 e 2026, a taxa de derretimento das geleiras da Suíça foi “mais de duas vezes superior à de qualquer outro período de cinco anos monitorado anteriormente”.



AFP